

---

## **A influência das mídias de comunicação no Iluminismo e na Revolução Francesa<sup>1</sup>**

Mariana Oliveira SANTOS<sup>2</sup>

Mary WEINSTEIN<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA

### **RESUMO**

Este artigo visa apresentar, por meio de uma revisão bibliográfica, as mídias de comunicação que auxiliaram na disseminação dos ideais iluministas e da burguesia revolucionária, e influenciaram a Revolução Francesa. O trabalho apresenta uma contextualização histórica do século XVIII, especialmente da França, focando no Iluminismo e na Revolução Francesa, para depois mencionar as mídias de comunicação utilizadas neste período, e como elas contribuíram para divulgar e fortalecer esses dois movimentos franceses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iluminismo; Revolução Francesa; Mídias de comunicação.

### **Introdução**

O século XVIII foi marcado por duas grandes revoluções na França, de esferas política e intelectual. Na área política, a Revolução Francesa, segundo Krüger (2010), mudou todo o quadro político e social francês, derrubando o Antigo Regime monárquico e questionando a autoridade da nobreza e do clero como nunca antes havia acontecido. Na parte intelectual, houve o Iluminismo, movimento anterior à Revolução Francesa que defendia a razão em oposição ao teocentrismo dominante na Europa desde a Idade Média (SILVA, 2007).

O Iluminismo, ou esclarecimento, foi ao mesmo tempo um movimento e uma revolta intelectual surgido na segunda metade do século XVIII

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESB, e-mail: mariana\_si@hotmail.com.br.

<sup>3</sup> Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora adjunta no Curso de Jornalismo da UESB, e-mail: maryweinstein@gmail.com.

---

(o chamado "século das luzes") que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. [...] O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. [...] Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (SILVA, 2007, p. 1).

O Iluminismo acabou sendo um precursor da Revolução Francesa, principalmente quando os pensamentos dos filósofos iluministas começaram a combinar com as ideias anti-absolutistas da crescente burguesia francesa. Ambos criticavam a monarquia e o poderio da igreja (SILVA, 2007), sendo a Revolução Francesa uma continuação mais radical do Iluminismo (BRIGGS; BURKE, 2016). Para haver a difusão de todas essas ideias, os pensadores iluministas apelavam várias formas de mídias de comunicação que pudessem existir naquele período, durante “um sistema no qual havia censura, embora mais fraca do que aquela da época de Luís XIV” (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 102).

O presente artigo objetiva mostrar, em uma revisão bibliográfica, quais eram essas mídias e como elas ajudaram na propagação dos ideais iluministas e da burguesia revolucionária, que culminaram na Revolução Francesa. Este trabalho surgiu da necessidade de explorar mais o tema em questão e de contribuir para o aumento da literatura sobre este tema, de forma a reunir em um artigo acadêmico informações sobre os meios de comunicação existentes durante o século XVIII que auxiliaram os filósofos iluministas a difundirem seus estudos e pensamentos, e os revolucionários franceses a atingirem seu objetivo de derrubar Antigo Regime.

A metodologia utilizada neste artigo consiste em uma revisão de caráter bibliográfico. O estudo abrange, em um primeiro momento, a contextualização histórica da França do século XVIII, o surgimento do Iluminismo e o início da Revolução Francesa. Em seguida, o artigo aborda quais eram e como as mídias de comunicação influenciaram na divulgação e fortalecimento desses dois momentos da História.

### **A França no “Século das Luzes”**

O século XVIII foi palco de três grandes revoluções na Europa Ocidental: a primeira Revolução Industrial, a Revolução Intelectual dos Iluministas e a Revolução Francesa (SILVA, 2007). Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, a primeira Revolução Industrial transformou o sistema de produção agrária e artesanal existente em

---

um sistema industrial, sob o domínio de fábricas e máquinas, principalmente a máquina a vapor, e novas fontes de matéria-prima, como minérios, metalurgia e indústria química; estas inovações produziram condições favoráveis para o crescimento do capitalismo industrial. (PAZINNATO; SENISE, 2002).

A Revolução Intelectual se deu com o advento da “Filosofia das Luzes” na França – marcando o período com a alcunha de “século das luzes”. Apesar do Iluminismo ter seu início no século XVIII, os filósofos iluministas se baseavam em algumas correntes de pensamento do século XVII, como o racionalismo (uso da razão) e o individualismo de tipo liberal (PAZINNATO; SENISE, 2002). Dois dos mais importantes precursores do Iluminismo foram o francês René Descartes (1596-1650), considerado o “pai da filosofia moderna”, e o inglês John Locke (1632-1704), que era a favor dos direitos naturais do homem, como direito à vida, à liberdade e à propriedade privada (PAZINNATO; SENISE, 2002).

O Iluminismo começou na França e se estendeu por toda a Europa, chegando também nas Américas. Segundo Pazinnato e Senise (2002), era o resultado da insatisfação da sociedade mais culta contra os abusos exercidos pelos governos absolutistas e também como resposta aos problemas enfrentados pela burguesia, a exemplo da intervenção econômica do Estado, que limitava a expansão do empreendedorismo.

Para Koselleck, por exemplo, o absolutismo havia condicionado a gênese do Iluminismo, e este por sua vez havia condicionado a gênese da Revolução Francesa. Enquanto movimento, o autor afirma que o Iluminismo se desenvolveu a partir do absolutismo. [...] O abuso de poder por parte de Luís XIV acelerou o movimento Iluminista, no qual o súdito se descobre cidadão. Cidadão que na França irá derrubar os bastiões da dominação absolutista. (KOSELLECK, 1999, p. 12, 19-20 apud VITAL, 2015, p. 42).

A principal plataforma de disseminação dos princípios iluministas foi a *Enciclopédia*, editada na França a partir de 1751, tendo os filósofos Denis Diderot, Jean D’Alembert, Voltaire e Jean-Jacques Rousseau como os principais contribuintes dos 35 volumes da obra, e objetivando despertar a consciência política da população e transmitir conhecimento (BRIGGS; BURKE, 2016).

Estes pensadores franceses, ou “homem de letras” como chama Briggs & Burke no livro *Uma História Social da Mídia* (2016), foram os maiores representantes do “século das luzes” e criticavam principalmente: o trabalho feudal e a servidão no campo;

---

o regime absolutista e o mercantilismo – que restringiam a liberdade e o direito à propriedade; a influência da Igreja Católica na sociedade, especialmente na educação e na cultura; e a desigualdade de direitos e deveres dos cidadãos (PAZINNATO; SENISE, 2002).

Ainda de acordo com Pazinnato e Sesine (2002), o pensamento iluminista iniciado na França serviu de base para o avanço das ciências, educação e cultura em toda Europa; para mudanças no sistema jurídico das sociedades europeias que passaram a reconhecer alguns direitos de seus cidadãos – mesmo antes da Revolução Francesa; para a restrição do poder político da Igreja; para o surgimento do despotismo esclarecido em vários países europeus; e para o surgimento das ideologias que levaram à Revolução Francesa e à independências das colônias americanas.

A Revolução Francesa é vista como uma das maiores revoluções da História da Humanidade, sendo um acontecimento que alterou toda a conjuntura política e social da França no século XVIII, questionou a autoridade dos nobres e da Igreja, sendo influenciada pelo Iluminismo e pela Independência dos Estados Unidos (KRÜGER, 2010).

Com o crescimento do poder econômico – devido à Revolução Industrial – e do poder intelectual – por conta do Iluminismo – da burguesia, as ideias contrárias à concentração de poder da monarquia e da Igreja tomaram forma, principalmente na França, e levaram ao surgimento de um movimento revolucionário que uniu burguesia, trabalhadores e camponeses, antes divididos em três grandes estados. (PAZINNATO; SESINE, 2002).

De acordo com Bastos, Santos e Nunes (2011), iniciaram-se em 1775 vários motins em Paris que reclamavam da falta de comida, tendo depois surgido muitas outras manifestações na França, de caráter semelhante, na segunda metade do século XVIII. Sem de fato possuírem ambições políticas, os participantes desses motins requeriam melhorias nas condições de trabalho e no preço dos alimentos.

Os anos da década de 1780 franceses, de acordo com Vovelle (2012), trouxeram os primeiros sinais de que a crise econômica provocava um mal-estar político principalmente nas classes mais populares. Na França, bem como em outras monarquias absolutistas, havia a incoerência do imposto real, por exemplo, que variava de acordo

---

com o grupo social e região, com a talha pesando mais para os camponeses e a capitação sobre os plebeus (VOVELLE, 2012).

Segundo Pazinnato e Sesine (2002), o rei Luís XVI, diante da Assembleia Nacional Constituinte, aceitou ser um monarca constitucional, contudo, preparava-se para retomar o poder em segredo. Temendo a ostensiva real, a população organizou a Guarda Nacional, uma milícia burguesa com chefia do marquês de La Fayette, e em 14 de julho de 1789 aconteceu a Queda da Bastilha, uma prisão francesa símbolo do poderio autoritário da monarquia absolutista. No interior do país, os camponeses acompanharam saqueando os castelos da nobreza. Foi o estopim para iniciar a Revolução Francesa (PAZINNATO; SESINE, 2002).

Para Michel Vovelle, em seu livro *A Revolução Francesa: 1789-1799* (2012), a tomada da Bastilha demonstra a decadência do Antigo Regime, que é finalmente iniciada em 04 de agosto do mesmo ano, quando o novo direito civil da burguesia é implementado, baseado na igualdade e na liberdade de iniciativa. Com a Assembleia Nacional Constituinte, nasce uma nova constituição votada em 1791, que prediz os primeiros Direitos Humanos, com novos valores de liberdade, igualdade e segurança; o governo permanece como monarquia constitucional, sendo proclamada a república apenas no ano seguinte. Em 1793, Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, acusados de traição, são guilhotinados (PAZINNATO; SESINE, 2002).

Com a revolução, Pazinnato e Sesine (2002) esclarecem que a burguesia passa a ter poder político e organizar o Estado favorecendo seus próprios interesses. Os jacobinos, liderados por Robespierre, formavam o que hoje conhecemos por esquerda na política. A oposição (direita) era formada pelos girondinos que tinham propostas mais conservadoras, objetivando a liberdade econômica e o direito de propriedade. Os autores salientam que os jacobinos acabaram perdendo o poder para os conservadores, levando a alta burguesia a governar a França. Iniciou-se nesse momento a Era Contemporânea, já que essa primeira grande conquista burguesa atingiu todo o continente europeu, além da América do Norte e outros continentes.

### **A mídia no Iluminismo e na Revolução Francesa**

Para que todos esses acontecimentos citados no tópico anterior acontecessem e ganhassem força, foi preciso chegar na população e convencê-las da necessidade de uma

---

reforma, no caso dos Iluministas, ou revolução total, no caso dos revolucionários. Isso só se deu devido ao uso das mídias de comunicação disponíveis e inventadas na época.

Segundo Rodrigues (2012), essas mídias são quaisquer meios físicos tecnológicos que veiculam uma mensagem no espaço e no tempo; “[...] não apenas o livro, mas o jornal, o folheto, mapas, calendários etc, se encaixam comodamente como sendo tipos de mídia, cuja principal mensagem encontra-se no conteúdo abstrato decodificado de seus textos” (RODRIGUES, 2012, p. 191).

Ainda de acordo com Rodrigues (2012), com a invenção da imprensa de tipos móveis – substituindo a escrita que era utilizada apenas pelos pensadores da elite e o governo, enquanto o resto do povo utilizava apenas os meios orais para transmitir uma mensagem – os livros se tornaram mais baratos e isso acabou elevando a alfabetização da população da Europa, iniciando assim importantes mudanças culturais.

O mesmo autor ainda comenta que o rápido crescimento da indústria tipográfica na Europa e nas Américas se deu por causa do aumento do gosto pela leitura, que não conseguia ser suprido apenas com as cópias feitas a mão. Novas ideias surgiam junto aos renascentistas, ansiosos em transmitir suas novas visões para quem tivesse interesse. (RODRIGUES, 2012).

Com todo esse avanço da imprensa, começa a surgir o controle político sobre o que poderia ser publicado. Albert & Terrou (1990) comentam que mesmo com o progresso de seu conteúdo, a imprensa ainda não tinha alcançado durante o século XVIII, em países mais desenvolvidos como a França e a Inglaterra, a devida consideração que merecia. A evolução da imprensa variou nos dois países, mais rapidamente na Inglaterra do que na França e nos outros países europeus centrais e meridionais (ALBERT; TERROU, 1990).

O instrumento privilegiado da expressão das ideias continuava sendo o livro ou a brochura: a imprensa, reflexo do mundo, permanecia passiva; ela informava sem de fato questionar, deixando para a literatura tradicional a tarefa de combater. No século XVIII, o gazeteiro continua sendo um personagem desprezado e jornalismo aparece aos olhos da elite social e intelectual como uma sublitteratura desprovida de valor e prestígio. [...] Foi preciso esperar a aceleração da marcha do mundo, e muito particularmente os períodos revolucionários, para que a importância dos acontecimentos [...] dessem enfim à imprensa, tanto na vida social como no jogo das forças políticas, a possibilidade de conquistar seu lugar de primeiro plano. (ALBERT; TERROU, 1990, p. 11-12).

---

A imprensa no Antigo Regime francês só funcionava por meio da autorização antecipada do que se queria publicar – uma espécie de censura. Ou seja, seu desenvolvimento na França durante o absolutismo do final do século XVII até meados do século XVIII foi lenta, porém harmoniosa, de acordo com Albert & Terrou (1990), deixando seu desenvolvimento nas mãos das autoridades – apesar disso, as inúmeras censuras que foram exercidas sobre os jornais eram pouco eficazes, mas restringiam consideravelmente a liberdade dos jornalistas, impedindo-os de tratar de assuntos políticos, permitindo apenas as folhas oficiais, e com prudência. Briggs & Burke (2016) mencionam que após a Fronda na França, seguiu-se o reinado de Luís XIV (1660-1715), com um controle severo da mídia e quase nenhuma crítica ao regime. Só houve mudança durante o século XVIII quando se deu o advento do Iluminismo francês.

Exigindo reforma em vez de revolução, eles concebiam seu papel como educacional, no mais amplo sentido da palavra "educação". A mídia foi o instrumento usado. O papel central desse movimento foi desempenhado por pensadores franceses, os chamados *philosophes*, entre eles Voltaire (1694-1778), Rousseau (1712-78), Diderot (1713-84) e D'Alembert (1717-83). Designando a si mesmos como "homens de letras", [...] eles tentaram difundir amplamente sua mensagem, dentro e fora da França, tanto para mulheres quanto para homens — embora não buscassem atingir o "povo". (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 101-102).

Segundo Stephens (1993), uma outra forma de meio de comunicação para a circulação de notícias e afins surgiu no Ocidente durante o século XVIII: os cafés. Na França, principalmente em Paris, as pessoas que queriam se informar se reuniam nos cafés. Vital (2015) cita Habermas, o qual mencionou em seu livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública* que, desde 1737, outro meio de comunicação - os salões - se transformaram em um cerne único de convívio. Neles, membros da burguesia, nobreza e intelectuais se reuniam, sendo raros os momentos em que os grandes escritores do “Século das Luzes” se esqueceram de discutir assuntos importantes nos salões.

Eles [os salões] permitiam aos escritores da época do Iluminismo, como o plebeu D'Alembert, penetrar no universo dos poderosos. [...] figuras como as de Voltaire, Duclos exortavam seus ‘irmãos’ a aproveitarem da mobilidade que era oferecida pela ordem social do Antigo Regime, juntando-se à elite. [...] Nos últimos decênios do *Ancien Régime*<sup>4</sup>, ele foi se tornando cada vez mais o reduto dos filósofos do Alto Iluminismo, que deixavam os cafés para os tipos inferiores de literário.

---

<sup>4</sup> “Antigo Regime”, tradução nossa.

---

Com efeito, os cafés se constituíram na antítese lógica dos salões. Eles eram abertos a todos, a um passo da rua. [...] Como é possível constatar salões e cafés constituem interessantes instituições do espaço público literário através das quais é possível vislumbrar as bases sociais nas quais se assentavam o Alto e o Baixo Iluminismo. (HABERMAS apud VITAL, 2015, p. 43-44).

Briggs & Burke (2016) mencionam que, além dos salões e cafés serem utilizados como mídias de comunicação em meio a censura - mais branda que a de Luís XIV - existente no século XVIII, a arte também ajudou a disseminar mensagens políticas. Peças de teatro, como a ópera *As Bodas de Fígaro*, de Pierre-Augustin Beaumarchais (1732-1799) – censurada até 1784 por suspeita de satirizar o Antigo Regime -, estudos históricos e pinturas auxiliaram a transmitir e informar a população francesa acerca dos assuntos políticos da corte.

Outro importante veículo de assuntos políticos do período, que não pode ser esquecido, foi a Enciclopédia, publicada entre 1751 e 1765, cuja ideia inicial era ser a tradução dos quatro volumes da *Cyclopaedia* inglesa, mas acabou se transformando em 35 volumes independentes, de acordo com Briggs & Burke (2016).

D'Alembert, Diderot, Voltaire e Rousseau estavam entre os que contribuíram para os volumes [...]. A publicação da Enciclopédia foi um evento crucial na história da comunicação. Somente os ricos podiam comprá-la, mas imprimiram-se edições mais baratas, e muitas pessoas podiam consultar os volumes em bibliotecas públicas. (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 102).

A divulgação da Enciclopédia, e consequentemente das ideias iluministas, era feita por meio de cartazes e anúncios em jornais, segundo Darnton (1996). Porém, nem todos conheceram-na, principalmente a base da população. Darnton acrescenta:

A Enciclopédia começou como um produto de luxo limitado principalmente à elite da corte e da capital. Mas depois de assumir uma forma mais modesta e de seu preço baixar até as possibilidades da classe média, ela se disseminou pela *bourgeoise d'Ancien Régime*<sup>5</sup>, uma burguesia que vivia de rendas, cargos públicos e serviços. (DARNTON, 1996, p. 406).

Outras formas de divulgação dos pensamentos dos filósofos iluministas se deram por meio do uso da impressão de panfletos, que segundo SILVA (2007), eram de baixo custo e fáceis de serem transportados, além de possuírem uma escrita fácil de ser

---

<sup>5</sup> Burguesia do Antigo Regime, tradução nossa.



---

compreendida e ser uma mídia que atingia tanto a aristocracia quanto os operários; as lojas maçônicas também contribuíram para a difusão das ideias iluministas: “tornaram-se focos de ativismo político, de troca de panfletos e de elaboração de estratégias de combate na luta contra a superstição e o obscurantismo.” (SILVA, 2007, p. 9); a correspondência particular com os soberanos Frederico da Prússia (1740-1786) e Catarina da Rússia (1762-1796) foi outra maneira encontrada pelos filósofos iluministas para divulgar seus ideais (BRIGGS; BURKE, 2016).

Os franceses também encontraram outra forma de reagir à censura, através da comunicação clandestina, que poderiam ser na forma de impressos ou manuscritos, trazidos em contrabando do exterior ou produzidos em segredo na França. Essas publicações clandestinas ficaram conhecidas como *livres philosophiques*<sup>6</sup>. (BRIGGS; BURKE, 2006).

[...] *Livres philosophiques*, categoria geral que incluía pornografia e obras heréticas e politicamente subversivas. O historiador norte-americano Robert Darnton sugere que a pornografia estava ligada ao Iluminismo e à Reforma por meio de um processo de dessacralização. O ataque à conduta sexual da mulher de Luís XVI, Maria Antonieta [...] pode ter encorajado não somente a Reforma, mas também a Revolução. A maneira como as famílias reais eram apresentadas na mídia pode ter tido consequências políticas de longo alcance. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 102).

Entre os anos de 1789 e 1799 aconteceu a Revolução Francesa, que levou à queda do Absolutismo no país. Para Briggs & Burke (2006), o povo se envolveu na Revolução justamente por conta da influência da mídia, sendo a Revolução descrita como uma continuação do Iluminismo em outro aspecto. Segundo os autores, ao final do século XVIII, o governo francês reconheceu e autorizou que o povo fosse informado sobre o que acontecia no país; ao fazê-lo, contribuiu para que a oposição derrubasse o Antigo Regime.

O apelo à razão, personificada como deusa, e aos “direitos do homem”, tratados como universais, seguiam as tradições do Iluminismo. [...] No entanto, o programa revolucionário foi mais radical. Deveria mudar o sistema em vez de reformá-lo. A reorganização do calendário, tornando 1792 o "Ano 1", foi um importante ato simbólico, uma declaração de independência em relação ao passado. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 103).

---

<sup>6</sup> Livros Filosóficos”, tradução nossa.

---

De acordo com Albert & Terrou (1990), a Revolução Francesa foi um importante passo na história da imprensa. Briggs & Burke (2006, p. 104) acrescentam ainda que “a Revolução foi boa para a imprensa, pois havia grande número de notícias interessantes para publicar, e não faltavam leitores.” Mas é preciso lembrar, segundo eles, que em 1789 os mais pobres, que eram maioria da população francesa, ainda não sabiam ler, o que leva a comunicação oral, através de debates na Assembleia Nacional, e a visual, por meio da iconoclastia, como importantes formas de se atingir esse público naquela época.

A comunicação oral foi particularmente importante. A época da Revolução Francesa foi de intensos debates, discursos na Assembleia Nacional e nos clubes políticos recém-formados em Paris e outras cidades. Os debates eram orientados segundo uma nova ‘retórica revolucionária’, apelando mais às paixões do que à razão e baseando-se na ‘magia’ de palavras como *liberté, fraternité, nation, patrie, peuple* e *citoyen*<sup>7</sup>. [...] A comunicação visual, inclusive a iconoclasta, também teve significação. A destruição de imagens religiosas expressava a ideia de que a Igreja pertencia ao Antigo Regime. Houve também iconoclastia secular ou ‘vandalismo’, como foi chamado na época, na destruição das estátuas de Luís XIV em duas das principais praças de Paris até 1792. O lado positivo foi criar uma nova linguagem para servir ao novo regime. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 104, 105).

Albert & Terrou (1990) destacam que a Revolução de 1789 foi o que levou à definição e prática dos princípios da liberdade de imprensa, os quais vieram a auxiliar nas reivindicações de jornalistas durante o século seguinte, ao redor do mundo.

Duas ações legislativas em 1789 ratificaram a liberdade de imprensa já durante a Revolução Francesa: a abolição dos privilégios e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A liberdade de poder expressar as ideias e opiniões, ao falar, escrever ou ao imprimir era uma decorrência da abolição da censura real, engendrando ao mesmo tempo uma revolução cultural de enorme magnitude. [...] Apesar de a imprensa ter se tornado livre, a Corporação de Livreiros parisiense manteve-se a par do comércio livreiro até março de 1791. Mesmo assim, entre 1789-1793 se assistiu ao desmantelamento de toda a infraestrutura legal-institucional do comércio livreiro do Antigo Regime, e é nesse sentido que podemos afirmar que a Revolução Francesa foi uma revolução cultural. (HESSE, 1996, p. 99-100, 128 apud VITAL, p. 56-57).

Para Stephens (1993), os jornais auxiliaram a realizar a Revolução Francesa, porém, durante a própria, o papel desempenhado por eles esteve mais dividido. As gazetas francesas, segundo o autor, ajudaram a esclarecer a população até o momento em que as

---

<sup>7</sup> “Liberdade”, “fraternidade”, “nação”, “pátria” e “cidadão” – tradução nossa.

injustiças já tinham a aparência de serem menos toleradas (STEPHENS, 1993). O autor também concorda que a censura a qual o governo absolutista francês infringiu sobre os jornais de um país recheado de filósofos e críticos levou ao surgimento da literatura clandestina.

Stephens (1993) acredita que essas publicações ilegais – boletins informativos escritos à mão e livretos escandalosos chamados de *libelles* – chocavam até Voltaire e podem ter causado marcas importantes na política, pois misturavam a verdade com o exagero para criticar a moral do Antigo Regime. Para o autor, o erro de Luís XVI foi conceder privilégios a uma equipe de jornalistas, mas negar-lhes o direito de cobrir o que os leitores queriam ler: a queda da Bastilha, por exemplo, não foi mencionada na *Gazette de France* – revista leal à monarquia – do dia 17 de julho de 1789, ao passo que outras informações, até de fora do país, que não interessavam a população francesa foram noticiadas no lugar (STEPHENS, 1993).

Miranda (2007) menciona que após a Revolução Francesa, alguns fatores foram decisivos para o sucesso e o crescimento da comunicação social. Ele cita os seguintes fatores destacados por Sousa (2004):

As vias de comunicação permitiram a circulação de pessoas; desenvolvimento do turismo; escolarização e alfabetização (consequências do triunfo burguês e das ideias de liberdade, igualdade e fraternidade; urbanização e o liberalismo político; desenvolvimento da tipografia. (SOUSA, 2004 apud MIRANDA, 2007, p. 13).

Ainda segundo Miranda (2007),

[...] a Revolução Francesa e a Revolução Americana devem muito à imprensa, ainda que os jornais impressos tivessem uma circulação restrita, já que eram caros e haviam poucos alfabetizados. [...] A máquina a vapor de impressoras proporcionou o desenvolvimento da tipografia e os processos industriais da fabricação do papel, reduziu os custos da produção dos jornais e livros, aumentando consideravelmente o número de cópias. (MIRANDA, 2007, p. 13).

Briggs & Burke (2006, p. 105) descrevem a Revolução Francesa como “um teatro político de longa duração, sendo as cenas mais dramáticas as das execuções públicas de Luís XVI, Maria Antonieta e, mais tarde, dos líderes revolucionários como Danton e Robespierre”. Para os autores, a mídia foi mobilizada de forma consciente para mudar os costumes, e eles descrevem essa mobilização como uma “propaganda”, palavra esta que recebe outro significado durante a Revolução Francesa: deixa de ser vista como um termo

---

religioso utilizado durante a propagação do cristianismo, e pejorativo durante a Reforma Protestante, para ser adaptada à política (BRIGGS; BURKE, 2006).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a mídia francesa teve sua importância tanto para acabar com as tradições antigas quanto no surgimento de novas tradições, pois tentou desenvolver uma nova cultura política em que não eram necessários a igreja ou o rei. “O poder da mídia residia em sua capacidade de reavivar memórias do passado revolucionário.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 106).

### Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo reunir, em uma revisão bibliográfica, os tipos de mídias de comunicação já existentes ou que foram desenvolvidas durante o século XVIII na França e de que forma foram utilizadas e influenciaram na propagação do Iluminismo francês por toda a Europa e até as Américas, e na eclosão da Revolução Francesa em 1789.

A importância de se explorar o objeto deste artigo em questão vem para contribuir no crescimento da literatura sobre este tema. Foi possível conhecer a conjuntura histórica, política e intelectual da França no século XVIII, e observar quais eram as mídias de comunicação existentes durante o “Século das Luzes”, como os livros e panfletos manuscritos e a divulgação oral em salões e cafés, bem como os que se fortaleceram em meio a esse período, como a tipografia, a imprensa e as publicações clandestinas, e como estas mídias auxiliaram os filósofos iluministas a divulgarem seus estudos e consequentemente influenciarem o povo francês a derrubar Antigo Regime.

### Referências

ALBERT, P.; TERROU, F. **História da Imprensa**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Série Universidade Hoje).

BASTOS, D. S.; SANTOS, R. A. de M.; NUNES, R. T. B. **O papel da Imprensa na Revolução Francesa de 1789**: as interações com a plebe urbana. 2011. 8f. Trabalho de Avaliação de Curso (História Contemporânea I) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011. Disponível em:  
<[http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/O\\_papel\\_da\\_imprensa\\_na\\_Revolucao\\_France\\_sa\\_e\\_1789\\_-\\_as\\_interacoes\\_com\\_a\\_plebe\\_urbana.pdf](http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/O_papel_da_imprensa_na_Revolucao_France_sa_e_1789_-_as_interacoes_com_a_plebe_urbana.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2018.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

DARNTON, Robert. **O Iluminismo como Negócio: História da Publicação da Enciclopédia 1775-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução do original alemão [de] Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. RJ: EDUERJ: Contraponto, 1999. In: VITAL, D. L. **Iluminismo e Revolução nas Ideias e nas Práticas Políticas da “Ilustração” Brasileira**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/265>>. Acesso em: 27 out. 2018.

KRÜGER, F. R. A Revolução Francesa e o Submundo Literário do Século XVIII. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 81-92, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1570/708>>. Acesso em: 27 out. 2018.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Trad. Flávio R. Kothe. 2. ed. RJ: Tempo Brasileiro, 2003. In: VITAL, D. L. **Iluminismo e Revolução nas Ideias e nas Práticas Políticas da “Ilustração” Brasileira**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/265>>. Acesso em: 27 out. 2018.

HESSE, Carla. **Transformações econômicas na edição**. In: VITAL, D. L. **Iluminismo e Revolução nas Ideias e nas Práticas Políticas da “Ilustração” Brasileira**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/265>>. Acesso em: 27 out. 2018.

MIRANDA, G. L. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão Parcial de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1265/2/20266495.pdf>>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

PAZZINATO, Alceu L.; SENISE, Maria Helena. **História Moderna e Contemporânea**. 14ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

RODRIGUES, M. H. C. Gutenberg e o Letramento do Ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, PR, v. 1, n. 1, p. 188-201, ago./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/619/353>>. Acesso em: 28 out. 2018.

SILVA, J. B. da. **O Iluminismo** – a Filosofia das Luzes. 2007. 14 f. Trabalho Acadêmico – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2007. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4920677.pdf>> Acesso em: 27 out. 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. In: MIRANDA, G. L. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão Parcial de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1265/2/20266495.pdf>>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

STEPHENS, Mitchell. **História das Comunicações** – dos Tantãs aos Satélites. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1993.

VITAL, D. L. **Iluminismo e Revolução nas Ideias e nas Práticas Políticas da “Ilustração” Brasileira**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/265>>. Acesso em: 27 out. 2018.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa: 1789 – 1799**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2012. Disponível em: <[https://www.scribd.com/document\\_downloads/direct/338354458?extension=pdf&ft=1540686387&lt=1540689997&show\\_pdf=true&user\\_id=44935686&uahk=YRaGkOrne32nb7GdXbMKNyCiqrA](https://www.scribd.com/document_downloads/direct/338354458?extension=pdf&ft=1540686387&lt=1540689997&show_pdf=true&user_id=44935686&uahk=YRaGkOrne32nb7GdXbMKNyCiqrA)>. Acesso em: 27 out. 2018.